

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de**  
**Leitura e Produção de Texto - PROLEITURA**

**SÍLVIA FIGUEIREDO DA SILVA**

**ELABORAÇÃO DE VÍDEO PARA INTERNET COMO APRIMORAMENTO DA**  
**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE HISTÓRIA**

**Belo Horizonte**

**2021**

**SÍLVIA FIGUEIREDO DA SILVA**

**ELABORAÇÃO DE VÍDEO PARA INTERNET COMO APRIMORAMENTO DA  
LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto - PROLEITURA da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Magalhães Pinto

**Belo Horizonte**

**2021**

S586e Silva, Sílvia Figueiredo.  
Elaboração de vídeo para internet como aprimoramento da leitura e produção textual nas aulas de história [recurso eletrônico] / Sílvia Figueiredo da Silva. – 2021.  
1 recurso online (38 f.: il., color.)  
Orientadora: Aline Magalhães Pinto.  
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto da Faculdade de Letras da UFMG.  
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Referências: f. 22-24.  
Anexos: f. 25-38.  
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.  
1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Métodos de ensino. 3. Língua portuguesa – Ensino auxiliado por computador. 4. Leitura – Estudo e ensino. 5. Produção de textos – Teses. 6. Gravação de vídeo – Produção e direção. I. Pinto, Aline Magalhães. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata CRB/6-2706



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

### ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA SILVIA FIGUEIREDO DA SILVA

Realizou-se, no dia 13 de maio de 2021, às 09:30 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *ELABORAÇÃO DE VÍDEO PARA INTERNET COMO APRIMORAMENTO DA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE HISTÓRIA*, apresentado por SILVIA FIGUEIREDO DA SILVA, número de registro 2020654290, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Aline Magalhães Pinto - Orientadora (UFMG), Prof. Raul Amaro de Oliveira Lanari (PUC/MG), Prof. Ramon Rodrigues Ramalho.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 13 de maio de 2021.

Profa. Aline Magalhães Pinto (Doutora)

Prof. Raul Amaro de Oliveira Lanari (Doutor)

Prof. Ramon Rodrigues Ramalho (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 14/05/2021, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Ramon Rodrigues Ramalho, Usuário Externo**, em 17/05/2021, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Raul Amaro de Oliveira Lanari, Usuário Externo**, em 23/05/2021, às 20:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0706357** e o código CRC **CBB727D0**.

---

**Referência:** Processo nº  
23072.219345/2021-20

SEI nº 0706357

## DEDICATÓRIA

Dedico aos meus alunos.

## **AGRADECIMENTOS**

Expresso os meus agradecimentos aos professores do curso, à Prefeitura de Belo Horizonte, ao meu esposo, à minha sogra e aos meus colegas por terem colaborado de forma relevante para que o trabalho fosse realizado.

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma proposta de intervenção no cotidiano escolar que contempla a produção de roteiro de vídeo nas aulas da disciplina de História, com o objetivo de melhor desenvolver as habilidades e capacidades de leitura e produção de texto através das especificidades da disciplina de História.

O trabalho foi elaborado pensando na realidade da Escola Municipal Professora Ondina Nobre (EMPON) da rede da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) onde futuramente seria aplicado, entretanto devido o contexto da pandemia de COVID-19, foi adaptado para ser aplicado na Escola Estadual José Heilbuth Gonçalves, de forma não presencial. Sua metodologia consiste na pesquisa-ação, que a partir do diagnóstico será aplicada a proposta de intervenção seguida da avaliação de sua eficácia. Espera-se que este estudo possa contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da instituição pesquisada e outras, criando novas dinâmicas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Roteiro de vídeo, Produção de texto, Leitura, História

## **ABSTRACT**

This work presents a proposal for intervention in the daily school life that contemplates the production of a video script in History classes, with the aim of better developing the reading and text production skills and abilities through the specificities of the History discipline.

The work was elaborated thinking about the reality of the Municipal School Professora Ondina Nobre (EMPON) of the Belo Horizonte City Hall (PBH) network where it would be applied in the future, however due to the context of the COVID-19 pandemic, it was adapted to be applied at the State School José Heilbuth Gonçalves, in person. Its methodology consists of action research, which from the diagnosis will be applied to the intervention proposal followed by the evaluation of its effectiveness. It is hoped that this study can contribute to the teaching and learning process of students at the researched institution and others, creating new dynamics in the classroom.

**Keywords:** Video script, Text production, Reading, History.

## SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO.....	10
2 - REVISÃO DA LITERATURA.....	14
2.1 -Texto, produção textual e leitura.....	14
2.2 - O uso das novas tecnologias como ferramentas educacionais.....	17
2.3 – O ensino de História.....	20
3 – METODOLOGIA.....	22
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
5 – REFERÊNCIAS.....	25
6 - ANEXOS.....	28
ANEXO A – Plano de aula 01.....	28
ANEXO B – Plano de aula 02.....	35
ANEXO C – Plano de aula 03.....	37

## 1 - APRESENTAÇÃO

A História é uma ciência que estuda a ação do homem ao longo do tempo, entretanto as indagações que movem as pessoas a voltarem seus olhares no passado são oriundas do tempo presente.

A História como a compreendemos hoje não foi sempre assim, passou por longos períodos de modificações, em que aqueles que se dedicavam a seu estudo interpretavam as fontes de maneiras distintas, o que garantiu formas diferentes de observar o passado.

Boschi (2007, p. 27) argumenta que “História é ação, dinâmica, processo. Sendo assim, é espaço de conflitos e contradições”. Percebemos esta ação nas relações entre os sujeitos históricos e desses sujeitos com seus objetos materiais. É do vestígio destas relações que os historiadores reúnem o material suficiente para suas interpretações. Lembremos que os historiadores não são sujeitos do passado, mas sim, do presente, e como tal podem ser influenciados pelo contexto social de sua época, o que garante ao estudo da História sempre novos olhares. Boschi (2007, p. 27) complementa que, por estar “em permanente construção, a História não admite definição única. Cada época, cada contexto, cada realidade social formula seu conceito de História.”

Hartog (2017) faz uma discussão profunda sobre o conceito de História e o ofício do historiador, o autor problematiza questões de como fazer e por quem ela é feita, questiona o conceito moderno de História e propõem um novo olhar para a História do século XXI.

“Ora, a história, aquela do conceito moderno de história, era estruturalmente futurista. Pois ela era uma maneira de designar a articulação de duas categorias do passado e do futuro, o nome moderno de sua sempre enigmática relação. Ela era conceito de ação e implicava a previsão. Em nossas sociedades, a ascensão da memória, ao longo dos anos 1980, foi um forte indício desse deslocamento”. (HARTOG, 2017, p. 26)

Ele conclui:

“Quanto ao historiador, a ele compete colocar um pouco de ordem na carga, fazer a triagem entre o que ainda pode servir e o que parece fora de uso. E, se ele tem sorte de estar no lugar certo no momento certo, ele pode enriquecer o conceito, mudar a ordem das camadas sucessivas das quais ele é o resultado, e até mesmo acrescentar uma”. (HARTOG, 2017, p. 30)

Para a compreensão de eventos históricos o professor e estudantes de História devem estar atentos aos contextos sociais, e, estes estão em constante transformação, modificando-se de diversas formas, sofrendo influências por exemplo: de ideias, ou, de artefatos tecnológicos.

A BNCC em seu texto referência para a disciplina escolar de História, aponta que: “pretende estimular ações nas quais professores e alunos sejam sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, eles próprios devem assumir uma atitude historiadora diante dos conteúdos propostos no âmbito do Ensino Fundamental”.

Assim podemos compreender que a construção do conhecimento histórico não é exclusividade do historiador, e pode ser obtido por diversos sujeitos, dentre eles o estudante.

Para REIS (2003) o conhecimento histórico “é um conhecimento que pretende obter a verdade do seu objeto através da investigação, da interrogação e do controle das fontes.” ele também nos alerta, “no entanto, uma resposta segura só é possível mediante a análise da prática concreta dos especialistas”, portanto do historiador.

Em consonância com REIS, a BNCC considera que a atitude historiadora proposta no Ensino de História na Educação Básica, não é levar o aluno à formação profissional de historiador, e sim que professores e alunos sejam protagonistas da construção do conhecimento, ou seja, que ambos devem adotar uma postura de:

“indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. Enfim, trata-se de transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e as sociedades em que se vive”. (BRASIL, 2017, p. 401)

A sala de aula é um ambiente de grande diversidade e, podemos encontrar estudantes com domínio das habilidades de leitura e interpretação como também alunos com grandes dificuldades e inclusive analfabetos. Como afirmam Saraiva, J., Mügge, E., & Kaspari, T. (2018):

“Um estudo realizado pelo Instituto Paulo Montenegro, em parceria com a ONG Ação Educativa e o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope Inteligência), estima que 27% dos brasileiros não sabem ler ou leem apenas títulos e frases, reconhecem uma informação explícita e têm dificuldades de se expressar por meio da escrita, sendo, portanto, analfabetos funcionais; 42% têm uma habilidade básica de leitura, sendo capazes de ler textos curtos e de localizar informações explícitas; 23% apresentam um nível

intermediário de leitura, sendo capazes de fazer pequenas inferências e de interpretar e de realizar a síntese de textos diversos; e apenas 8% dos brasileiros efetivamente compreendem o que leem, são capazes de relacionar e de comparar informações e de situar-se criticamente diante do texto lido (Inaf, 2016).”

Neste sentido, torna-se importante pensar a respeito das contribuições que professores das diferentes áreas da educação possam trazer para o aprimoramento da leitura e da produção de textos. Nossa intenção com esse trabalho tem como ponto de partida a indagação a respeito da contribuição que o professor de História pode oferecer para a construção de sujeitos mais articulados e capazes de dominar o idioma com mais destreza e sofisticação. Como? O presente projeto de pesquisa apresenta possibilidades para estas questões a partir da utilização do gênero textual Roteiro de Vídeo como ferramenta de aprimoramento da leitura e da escrita.

Nossa hipótese é: o roteiro de vídeo pode estimular nos estudantes uma postura historiadora e ao mesmo tempo aprimorar as habilidades de leitura e escrita de forma que os estudantes tornem-se capazes de indagar, elaborar hipóteses, problematizar, construir versões e apresentar argumentos. Além disso, essa prática pedagógica parece ser capaz de despertar os elementos fundamentais para a formação de cidadãos críticos e participativos.

O que é um roteiro de vídeo? O Roteiro de Vídeo é um gênero textual extremamente rico que envolve vários processos e permite apropriação de diversos conceitos. Conforme exposto na publicação Processo de criação - Roteiro audiovisual da Secretaria de Educação do Estado do Ceará no ano de 2012, roteiro é a forma escrita de uma obra audiovisual, com alguns elementos obrigatórios como: divisão de sequências; descrição dos cenários; descrição das personagens; narração da ação; diálogos; rubricas. A escolha do gênero textual Roteiro de Vídeo ocorre por entender que ele se torna atraente para os estudantes uma vez que nela está agregada a ideia de produção de vídeo e sua publicação, tão em voga, com a onda de Youtubers. O que faz a escola mais contextualizada com a realidade tecnológica, através de ações que incorpore as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo pedagógico.

Assim, o trabalho em questão tem como tema “O uso do gênero textual, roteiro de vídeo, como estratégia de desenvolvimento da escrita e da leitura nas aulas da disciplina de História, do 6º ano do Ensino Fundamental.”

Apresenta-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento: De que

modo a elaboração de roteiros de vídeos poderá se transformar em um instrumento para aprimorar as práticas de leitura e escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental numa aula de História?

O principal objetivo da proposta de trabalho é potencializar as habilidades de leitura e produção de texto através da disciplina de História por meio da aplicação de ação de intervenção: produção de vídeo para internet.

Nesta perspectiva destaca-se alguns objetivos específicos:

- Apresentar e trabalhar os conteúdos específicos da disciplina História.
- Estimular a leitura e a produção de texto do gênero Roteiro de Vídeo.
- Organizar atividades de produção textual do gênero Roteiro de Vídeo.
- Intermediar com os alunos a produção e a divulgação dos vídeos dos

Roteiros elaborados pelos alunos.

## 2 - REVISÃO DA LITERATURA

Para o desenvolvimento da intervenção pedagógica e na tentativa de melhor fundamentar o nosso trabalho, buscaremos os argumentos de alguns autores que contextualizam e apresentam discussões acerca das concepções de formas de comunicação, texto, produção textual e leitura, assim como lançamos mão de algumas reflexões sobre o uso das novas tecnologias como ferramentas educacionais e o ensino de história.

### 2.1 - Texto, produção textual e leitura

Neste trabalho o texto é entendido como uma produção de comunicação humana, que de acordo com Costa Val, um ponto importante nessa definição é que “possa fazer sentido numa comunicação de interlocução”. Isso significa duas coisas: a) nenhum texto tem sentido em si mesmo, por si mesmo: b) todo texto pode fazer sentido, numa determinada situação, para determinados interlocutores.

Assim, explora-se a compreensão do sentido de um texto, que para Koch (2002) depende das concepções que se tem de língua e de sujeito. A autora apresenta três tipos de concepção de língua e sujeito com seus respectivos tipos de texto. A saber:

Tipo de Língua	Tipo de Sujeito	Tipo de Texto
Representação do Pensamento	Psicológico, individual, que detém o domínio de suas ações	Produto lógico do pensamento do autor e o leitor é um agente passivo.
Estrutura, código, instrumento Lugar de interação	Determinado, assujeitado pelo sistema, o indivíduo não é dono do seu discurso e de sua vontade. Ativos, atores/construtores sociais	Produto da codificação do emissor a ser decodificado pelo leitor. O leitor/decodificador é um agente passivo.  Lugar de interação e os interlocutores como agentes ativos constroem e são construídos.

Com base no exposto, adotaremos como norteador do trabalho uma concepção sociointeracional de linguagem, isto é, nas palavras de Koch, espera-se do produtor do texto,

“um projeto de dizer’, e da parte do interpretador (leitor/ouvinte), uma participação ativa na construção de sentido, por meio da mobilização do contexto, a partir das pistas e sinalizações que o texto oferece. Produtor e interpretador do texto são, portanto, ‘estrategistas’, na medida em que, ao jogarem o jogo da linguagem, mobilizam uma série de estratégias - de ordem sociocognitivas, interacional e textual - vista a produção do sentido.” (2002)

Os estudantes, assim como outros agentes sociais, dependem do desenvolvimento comunicativo, pois é a comunicação que garante uma boa convivência nas diversas dinâmicas sociais. Os discentes e docentes tem um lugar comum em que esse desenvolvimento da comunicação acontece, a esse lugar denominamos de escola, mais propriamente a sala de aula. No entanto, o desenvolvimento de comunicação acontece em outros espaços sociais que acrescentam um rico repertório comunicativo. Brian e Joanna Street (2014) argumentam que:

À medida que o letramento é acrescido ao rico repertório comunicativo já existente nas sociedades receptoras, elas o adaptam e corrigem segundo os significados, conceitos de identidade e epistemologias locais: como dizem Kulick e Stroud, a questão não é qual o “impacto” que o letramento tem sobre as pessoas, mas como as pessoas afetam o letramento. (2014. p. 124).

Algumas das dinâmicas sociais que são apresentadas no século XXI, dizem respeito à utilização de TDICs. A evolução da comunicação entre as sociedades, foi capaz de encurtar e superar as barreiras geográficas, que em séculos anteriores era um fator limitador. Esta particularidade seduziu o homem, pois as informações já não demoram tanto tempo para circular. Com isso, os homens passaram a se apropriar de tecnologias que os permitam tanto se informarem como se comunicarem, mais rapidamente, não importando o lugar em que estejam.

Luiz Paulo M. Lopes (2012) em seu estudo sobre “o novo ethos dos letramentos digitais” compreende que os letramentos são reflexos das diversas maneiras que a sociedade escolhe para se comunicar e interagir entre si. Como uma parte significativa da sociedade urbana tem condições para estar conectada a internet, as interações que antes eram realizadas em espaços públicos passaram a serem realizadas em

espaços cibernéticos.

Brian Street e Joanna Street (2014), realizam um estudo sobre os letramentos fora da escola, que podem ser incorporados ao processo de escolarização. Entendem que estes letramentos que existem fora da escola podem ser compreendidos como letramento cultural. Começam seu estudo utilizando o conceito de Ogbu sobre letramento, “[...] letramento de Ogbu como “sinônimo de desempenho acadêmico”, “a capacidade de ler e escrever e calcular na forma ensinada e esperada na educação formal” (Ogbu, 1990)[...] (2014, p.123).”

Esta definição de letramento desconsidera os aspectos culturais particulares das sociedades. Brian e Joanna Street, (2014) compreendem que esta concepção não responde com clareza as contribuições que a vida em comunidade acrescenta. Para isso, consideram que o letramento extrapola essa concepção, incorporando para junto ao conceito a noção de aspectos culturais. Um desses aspectos culturais é a comunicação ou a capacidade de elaborar uma comunicação.

Se o letramento é uma extrapolação e uma apropriação cultural dos indivíduos, devemos então, compreender o contexto sócio-histórico-cultural a que os estudantes estão inseridos. Koch (2002) alerta para a importância de não separar a comunicação entre indivíduos de seu contexto, pois, se o fizer perde-se o sentido da interpretação.

O contexto-sócio-histórico-cultural de um determinado grupo deve ser compreendido para que não sejam realizadas análises anacrônicas, destoantes da realidade dos estudantes, bem como, para não empregarmos analogismos.

A observação do contexto sócio-histórico do estudante será de extrema importância para compreensão dos discursos e entre docente e estudantes será considerada nesta ação, pois, o que ocorre no espaço escolar, é reflexo do que ocorre fora dele. Ao propormos as atividades a serem aplicadas para estudantes, vamos considerar o que Ângela Kleiman (2008) aborda sobre os “objetivos e expectativas de leitura”.

Duas atividades relevantes para a compreensão do texto escrito, a saber, o estabelecimento de objetivos e a formulação de hipóteses, são de natureza metacognitiva, isto é, são atividades que pressupõem reflexão e controle consciente sobre o próprio conhecimento, sobre o próprio fazer, sobre a própria capacidade. (2008, p. 43-44).

Os estudantes, desta maneira, exercitam a posição de autoria, promovendo uma reflexão sobre a qualidade da sua própria produção. Assim, a metacognição será

constantemente observada, tanto por parte dos estudantes quanto do professor. Por parte do docente a metacognição se faz necessária, ao ponto que constantemente esse profissional poderá adaptar suas atividades às diferentes realidades que os discentes lhe apresentem.

## 2.2 - O uso das novas tecnologias como ferramentas educacionais

As discussões sobre a incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação são bastante amplas, uma das literaturas mais importantes é a do Livro Verde do Programa Sociedade da Informação no Brasil, obra coletiva e organizada por Tadao Takahashi e publicada em 2000. O Livro Verde traz uma discussão aprofundada sobre a inclusão digital na sociedade brasileira expressando a importância das tecnologias de informação e comunicação no papel que elas desempenham “na construção de uma sociedade que tenha a inclusão e a justiça social como uma das prioridades principais.” (BRASIL; TAKAHASHI, 2000, p.46).

Garcez (2005) defende o uso das mídias audiovisuais no ambiente escolar, pois tais ferramentas utilizam linguagens que aproximam os educadores do universo dos alunos.

“a escola não pode continuar restrita ao texto verbal escrito, embora ele seja imprescindível. É urgente que a imagem pertença ao contexto escolar, não apenas para que esse ambiente seja mais coerente com o cotidiano do aluno, mas também para educá-lo para a leitura crítica das imagens.” (GARCEZ, 2005, vol.3, p. 107)

Moran (1995) em seu artigo O vídeo na sala de aula, discute propostas de uso de vídeo na sala de aula. O artigo além de trazer um alerta sobre as formas incorretas do uso do vídeo no ambiente escolar sugere maneiras adequadas de utilização do vídeo.

Sobre o uso incorreto Moran (1995) cita o uso do vídeo como: Vídeo tapa buraco, quando o vídeo é exibido sem nenhum planejamento. Vídeo-enrolação, quando é exibido um vídeo sem muita relação com o conteúdo estudado. Vídeo deslumbramento, quando o professor passa vídeo em todas as suas aulas, banalizando a ação. Só vídeo, quando há apenas a exibição não acontecendo nenhuma discussão ou intervenção sobre o vídeo. Vídeo perfeição, quando para o professor não existe nenhum vídeo adequado e critica todos os vídeos possíveis, por

possuírem alguns problemas estéticos ou de informação, nesse caso Moran sugere que o professor pode construir junto com os alunos um pensamento crítico.

Com base no artigo de Moran destaca-se como forma adequada de utilização do vídeo em sala de aula “Vídeo como produção e como expressão”(MORAN, 1995, p. 31)

Para Moran (1995, p.31):

A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos.

Moran (1995) defende que a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos pois:

“O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, que estão ao nosso alcance, através dos recortes visuais, do *close*, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.” (MORAN, 1995, p. 28)

Para o desenvolvimento do projeto de intervenção recorre-se ao artigo Processos de produção de vídeos educativos de autoria de Lígia Cirino Girao e publicado no livro: Integração das tecnologias na Educação, 2005. O artigo apresenta detalhadamente as várias etapas da produção de um vídeo. A autora elenca cinco etapas para a produção: etapas: 1- criação e planejamento; 2- roteiro; 3 - pré-produção; 4 - direção e gravação; 5 - edição e finalização.

Sobre a criação e o planejamento a autora destaca a importância de se definir o tema e o objetivo do vídeo, além de identificar o material disponível e necessário para a produção.

Com relação a roteirização a autora diz ser essencial pois:

“É nessa etapa que decidimos se o programa terá ou não um apresentador, uma voz em off (quando a pessoa não aparece), se teremos atores, onde e quando utilizaremos animação, computação gráfica e outros efeitos especiais. É a hora de liberar a criatividade sem esquecer algumas regras importantes.” (GIRAO, 2005 p.114)

Ainda sobre o roteiro a autora relata a necessidade de se fazer uma revisão final, preferencialmente por mais de uma pessoa, “É recomendável retirar gírias,

informações não confirmadas, termos regionais, elitistas ou que possam adquirir duplo sentido.” (GIRAO, 2005 p.114)

Já na pré-produção, a autora expõe a importância do trabalho em equipe e a definição da função de cada pessoa. Depois vem a etapa da gravação, quando tudo que foi planejado ganha forma. No momento da gravação a autora destaca a função do diretor pois: “É ele quem vai transformar em realidade o que foi pensado pelo roteirista e quem vai apresentar soluções criativas para incongruências, inadequações ou erro de seqüências das cenas que possam existir no roteiro.” (GIRAO, 2005 p.115)

Por último, a edição e finalização, neste momento, será feita a “costura geral” da nossa colcha de retalhos’ (GIRAO, 2005 p.116). No processo de edição e finalização o diretor tem disponível todo material necessário para escolher as melhores imagens e seqüências e montá-las.

Na proposta de intervenção no cotidiano escolar além da produção do vídeo será utilizada a internet que atualmente se caracteriza por:

“ser encarada como uma plataforma, na qual tudo está facilmente acessível e em que publicar *online* deixa de exigir a criação de páginas Web e de saber alojá-las num servidor. A facilidade em publicar conteúdos e em comentar os “posts” fez com que as redes sociais se desenvolvessem *online*.” (CARVALHO, 2008 p.8)

O objetivo de utilização da internet é compartilhar e comentar os vídeos produzidos para tanto será utilizado o site do Youtube: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Silva e Cruz (2013) o definem como: “um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital” (SILVA e CRUZ, 2013, p.144).

“Fundado em fevereiro de 2005, o YouTube é onde bilhões de pessoas descobrem e compartilham vídeos originais e os assistem. O YouTube oferece um fórum para as pessoas se conectarem, informarem e inspirarem outras pessoas por todo o mundo e atua como uma plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e para grandes e pequenos anunciantes.”  
([http://www.youtube.com/t/about\\_youtube](http://www.youtube.com/t/about_youtube)>. Acesso em: 22/05/2020)

Sobre a integração do Youtube na educação, destaca-se as discussões apresentadas por João Mattar, que escreveu o artigo: Youtube na Educação: o uso de vídeos em EAD. Em seu texto ele relata diversas experiências do uso do Youtube na educação, algumas bem sucedidas outras nem tanto.

Nas experiências mal sucedidas o autor destaca entre outras coisas o fato de

utilizar o Youtube de maneira inadequada no curso “simplesmente para ler textos ou gravar uma aula” (MATTAR; 2009, p.6).

Já em algumas experiências positivas Mattar (2009, p. 7) ressalta a prática em que “os alunos produzem vídeos que são disponibilizados no YouTube e avaliados também por vídeos do instrutor, explorando os diversos aspectos do uso educacional do YouTube”.

Outra importante literatura a respeito do uso do Youtube na educação são os textos disponíveis no Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores, organizado por Ana Amélia A. Carvalho, 2008.

O Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores coloca que com o Youtube, e outras ferramentas da Web. 2.0, como, blogue, e o flickr, que se caracterizam por sua gratuidade e facilidade de publicação “o professor tem em mãos inúmeras novas oportunidades para promover, junto dos seus alunos, uma aprendizagem autêntica” (CRUZ, 2008, p. 38).

Do Manual de Ferramentas da Web 2.0, destaca-se dois artigos: Blogue, YouTube, Flickr e Delicious: Software Social de Sônia Cruz e o artigo *Do Movie Maker ao YouTube*, de Carla Joana Carvalho, ambos artigos demonstram a pertinência do Youtube no contexto educativo e apresentam um passo a passo ilustrado de como criar uma conta e disponibilizar um vídeo no referido site.

De acordo com Cruz e Carvalho, citado por Sônia Cruz

“Os progressos tecnológicos e o contributo das ciências da educação colocam ao alcance dos professores e dos alunos ferramentas inovadoras para o processo de ensino e aprendizagem que, correctamente aplicadas, podem colaborar para a criação de um papel activo e eficaz na construção da sua aprendizagem” (CRUZ; CARVALHO apud CRUZ, 2008, p.27)

Portanto, o audiovisual e a internet são instrumentos que auxiliam e contribuem para o processo de ensino aprendizagem.

## 2. 3 – O ensino de História

Ao estudar a História percebemos que alguns processos, ou ações, foram lenta e gradativamente se alterando, dando tempo para a adaptação em um ritmo distinto. Perceberemos também que “nossa perspectiva da História se altera constantemente – o presente de hoje não será o de amanhã – e se a História admite diferentes enfoques

ou versões, tudo o que compreendemos a respeito de um fato é uma verdade atual” (Boschi, 2007, p. 29).

A sociedade do século XXI motivada pelo crescente desenvolvimento tecnológico, “vive um presente contínuo que tende esquecer as relações que o presente mantém com o passado, daí a importância do ensino de História pautar-se na perspectiva da formação da consciência histórica” (FRANÇA, 2009, p. 18), essa consciência histórica é desenvolvida com os estudo do passado. Porém Boschi (2007) nos alerta que

A verdade histórica está sempre sendo revistada, revista e refeita. Não é algo pronto e acabado à nossa espera. Ela se transforma porque mudam a época, a maneira como elaboramos nossos questionamentos e, em decorrência, nossas motivações para estudá-la. A verdade história é sempre relativa. (BOSCHI, 2007, p. 29).

Assim como a verdade histórica é revista os currículos também o são. Vimos que na História do Ensino de História no Brasil, em períodos distintos houve modificações na estrutura dos currículos, na maneira de se escrever e ensinar História, atendendo as necessidades de cada época.

Dentre essas necessidades históricas, e as constantes divergências curriculares, desde 2017 foi se construindo uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que engloba todos os conteúdos obrigatórios de cada disciplina escolar, que seja comum para todas as escolas brasileiras. Dentre as disciplinas está a História.

A BNCC em seu texto referência para a disciplina escolar de História, aborda algumas atitudes esperadas para o professor de história, ela divide em cinco processos sendo eles: “identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto” (BRASIL, 2017, p. 398), estes seriam necessários para estimular o pensamento dos estudantes.

Para cada processo os autores da BNCC descrevem brevemente e exemplificam de maneira bem simples e objetiva o que é esperado. A BNCC busca nestes cinco processos o desenvolvimento de um método de ensino de História, que a princípio auxilia e valoriza a participação ativa dos estudantes, já que requer deles uma interação direta com as fontes históricas. Essa interação vai se tornando cada vez mais complexa, saindo de observações concretas e objetivas, para exercícios mais abstratos e subjetivos, que se apresentam fora de sua realidade.

### 3 – METODOLOGIA

Trata-se de ação pedagógica desenvolvida com a turma 601, do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual José Heilbuth Gonçalves. E se apresenta com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento, nos estudantes, das habilidades de leitura e produção de texto do gênero Roteiro de Vídeo além de se apropriarem de novos recursos tecnológicos aliando-se ao estudo dos conteúdos de história.

Como objeto de desenvolvimento da proposta será abordada a temática Patrimônio Histórico, e as habilidades a serem desenvolvidas no ensino de História sobre a temática.

Os objetivos específicos da intervenção pedagógica são:

- apresentar e diferenciar os conceitos de patrimônio cultural material e de patrimônio cultural imaterial.
- estimular o reconhecimento e valorização de alguns patrimônios materiais e imateriais como expressão das identidades culturais dos diferentes grupos sociais.
- identificar os patrimônios culturais pertencentes à sua cidade. ● Produzir roteiros de vídeos para a internet
- Produzir e divulgar vídeos sobre os patrimônios culturais identificados pelos alunos, incentivando a apropriação dos patrimônios.

Em um primeiro momento a intervenção foi pensada para ser desenvolvida em dez passos, numa sequência didática, a saber:

Primeiro - Aula teórica, expositiva e dialogada com os conteúdos relacionados a educação e valorização do patrimônio cultural e solicitação de pesquisa individual sobre um patrimônio cultural da cidade e definido pelo próprio aluno.

Segundo - Apresentação dos patrimônios culturais pesquisados. Divisão da turma em grupos e seleção do patrimônio que cada grupo trabalhará. Terceiro – Aula teórica, expositiva e dialogada sobre produção de vídeo e estabelecimento junto aos alunos de plano de ação para a produção dos vídeos.

Quarto – Produção dos roteiros de vídeos.

Quinto – Revisão dos roteiros de vídeos.

Sexto – Gravação e edição dos vídeos por parte dos alunos.

Sétimo – Apresentação dos vídeos para a turma e orientação se for necessário para modificações nos vídeos

Oitavo – Aula teórica, expositiva e dialogada sobre o uso correto da internet e cuidados com a imagem.

Nono – Publicação dos vídeos no site do Youtube.

Décimo - Avaliação do trabalho e exibição especial com pipoca e refrigerantes para a turma e convidados.

Para os passos: primeiro, terceiro e oitavo constam planos de aulas, específicos e disponibilizados nos apêndices.

O equipamento de captação das imagens e sons será de responsabilidade dos próprios alunos. Será sugerida a utilização de câmeras digitais, principalmente dos celulares, aparelho bastante popular entre os alunos.

Escolhemos a sequência didática como ferramenta pedagógica, por se tratar de um instrumento que permite ao docente construir atividades que deverão ser executadas pelos estudantes. Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004), conceituam o que seria uma sequência didática, “uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 82).

A produção de atividades escolares, podem ser adaptadas para a realidade em que o docente se encontra, assim como uma reelaboração durante a sua aplicação, dando-lhe uma característica de fluidez. Essa fluidez que atribuímos a sequência didática pode ser observada na sua aplicação, de forma em que os estudantes a compreenderão.

A elaboração de uma boa sequência didática, perpassa por um conjunto de atividades, que os estudantes deverão realizar, para que o vídeo seja finalizado. Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004), também apresentam um esquema de como deve ser uma produção de uma sequência didática. Os autores a dividem da seguinte maneira: Apresentação da situação; Produção inicial; Módulos 1 a 3; e a Produção Final. Adotaremos então esta divisão para a montagem da sequência didática a ser aplicada nos estudantes.

A opção desta estratégia pedagógica, apresenta-se como uma oportunidade de, no decorrer do processo, reelaborar e corrigir possíveis erros, ou adequá-la e aperfeiçoá-la às necessidades dos estudantes pesquisados.

Entretanto, devido a situação de pandemia de COVID 19 estabelecida pela OMS (Organização Mundial de Saúde), implicou no desenvolvimento do trabalho em

REANP (Regime Especial de aulas não Presenciais) o que provocou algumas adaptações e limitou muito o trabalho a ser desenvolvido:

- Uso do e-mail como a principal ferramenta de comunicação com os alunos. - Orientação sobre os conteúdos através de textos em pdf encaminhados para os alunos.

- Sugestão de vídeos para mais informações sobre a temática. - Integração da proposta ao Plano de Estudo Tutorado edição especial em comemoração aos 300 anos de Minas Gerais. (PET - 300 Anos de Minas Gerais)

- Incorporação da proposta ao projeto interno da Escola

Diante do apresentado esta proposta de intervenção visa contribuir para que a prática de leitura e produção social integre ao processo de ensino do conteúdo da disciplina de História com práticas mais dinâmicas e condizentes, com a realidade tecnológica dos alunos e assim possa promover de maneira mais prazerosa a consolidação das habilidades e competências exigidas aos alunos.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que, quando aplicada a intervenção, ela possa ter motivado o estudante a desenvolver uma boa produção de texto, que permita ampliar o seu entendimento sobre patrimônio cultural e se relacionar com os patrimônios de formas mais harmônica, reconhecendo e valorizando os patrimônios como elementos constituintes de sua própria identidade.

Na parte da produção de vídeo não será exigido, ou melhor, não existe uma preocupação quanto a qualidade e o formato resultante da ação. Espera-se, entretanto, que os alunos compreendam a produção de vídeo como uma oportunidade e espaço de expressão de suas ideias, até porque será estimulada a participação dos alunos em todo processo, desde a elaboração do roteiro até a edição do vídeo.

Em relação ao uso da internet, acredita-se que com a publicação do vídeo no Youtube, este espaço seja reafirmado como espaço de interatividade, mas não apenas de lazer ou pouco produtivo e sim um ambiente educativo; que o aluno possa percebê-lo como uma ferramenta tecnológica de colaboração e construção do conhecimento.

## 5 – REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: < [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) >. Acesso em: abril 2020.
- \_\_\_\_\_. Sociedade da Informação no Brasil. TAKAHASHI, Tadão (org.). **Livro Verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: [www.governoeletronico.gov.br/biblioteca/arquivos/livro-verde/](http://www.governoeletronico.gov.br/biblioteca/arquivos/livro-verde/) Acesso em: maio 2020
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual**, Brasília, DF: MEC/SEF. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em: maio 2020
- BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?**. São Paulo: Ática, 2007.
- CARVALHO, Ana Amélia A. Introdução,. In: CARVALHO, Ana Amélia A.. **Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores**. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC, 2008. P. 07 – 15.
- CARVALHO, Carla Joana. Do Movie Maker ao YouTube,. In: CARVALHO, Ana Amélia A.. **Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores**. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC, 2008. P. 167 – 210.
- COSTA VAL, Maria da Graça, Texto, textualidade e textualização, Pedagogia cidadã – Cadernos de formação, Faculdade de Letras, UFMG, BH, MG, volumes de língua e literatura, Caderno 9, pág. 1 -17.
- CRUZ, Sonia. Blogue, YouTube, Flickr e Delicious: Software Social. In: CARVALHO, Ana Amélia A.. **Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores**. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC, 2008. P. 15 – 40.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: \_\_\_\_\_. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- FRANÇA, Cyntia Simioni. **Possibilidades e limites na construção do conhecimento histórico em conexão com o mundo virtual**. Londrina, 2009. [Dissertação]
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Tecnologias audiovisuais: a TV e vídeo na escola. A leitura da imagem. In **Integração das Tecnologias na Educação**.

Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. P.107 – 111. Disponível em: <http://tvescola.org.br/salto/> Acesso em: Maio 2020

GIRAO, Lígia Cirino. Tecnologias audiovisuais: a TV e vídeo na escola.

**Processos de produção de vídeos educativos.** in Integração das Tecnologias na Educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

P.113 – 116. Disponível em: <http://tvescola.org.br/salto/> Acesso em: 15 Ago. 2014 Saraiva, J., Mügge, E., & Kaspari, T. O desprestígio da leitura e suas consequências. Desafio do Brasil.

2018. <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/desprestigio-na-leitura/> consultado em 23/04/2020

KLEIMAN, Ângela. **Objetivos e expectativas de leitura.** In: \_\_\_\_\_. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 11. ed. Campinas: Pontes, 2008.

KOCH, Ingedore. **Texto e contexto.** In: \_\_\_\_\_. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **O novo ethos dos letramentos digitais: modos de construir sentido, revolução das relações e performances identitárias fluidas.** In: SIGNORINI, Inês; FIAD, Raquel Salek (Orgs.). Ensino de língua: das reformas, das inquietações e dos desafios. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

MATTAR, João. YouTube na Educação. *De Mattar.* Disponível em: <<http://blog.joaomattar.com/youtube-na-educacao/>>. Acesso em maio 2020

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. Revista **Comunicação e Educação.** São Paulo, ECA. Ed Moderna. Jan/abril de 1995. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/> Acesso em: maio 2020

\_\_\_\_\_. **Desafios da Televisão e Vídeo à Escola.** Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/> Acesso em: maio 2020

REIS, José Carlos. História e teoria. Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FVG, 2003. p. 101. Disponível em:

[https://www.fafich.ufmg.br/hist\\_discip\\_grad/conhecimento\\_historico\\_reis.pdf](https://www.fafich.ufmg.br/hist_discip_grad/conhecimento_historico_reis.pdf). Acesso em: 10/04/2021

SILVA, W. R.; TAVARES, E.; BARBALHO VELEZ, L. DE C. Trabalho pedagógico com escrita em aula de história: o que dizem as diretrizes oficiais?. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, n. 3, p. 885-911, 4 jan. 2018.

STREET, Brian; STREET, Joanna. **A escolarização do letramento. In: \_\_\_\_\_.  
Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na  
etnografia e na educação.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

YOUTUBE. *Sobre o Youtube*. Disponível em:

[http://www.youtube.com/t/about\\_youtube](http://www.youtube.com/t/about_youtube)>. Acesso em: maio 2020

## 6 - ANEXOS

### ANEXO A – Plano de aula 01

I. Plano de Aula: 01 - Referente ao primeiro passo da proposta pedagógica.
II. Dados de Identificação: Escola Estadual José Heilbuth Gonçalves Professor (a): Sílvia Figueiredo da Silva Disciplina: História Série: 6º ano Turma: Período: duas aulas
III. Tema: - Patrimônio Cultural IV. Objetivos: Objetivo geral: - Definir Patrimônio Cultural Objetivos específicos: - Diferenciar patrimônio cultural imaterial de patrimônio cultural material; - Identificar patrimônios culturais imateriais e patrimônios culturais materiais. V. Conteúdo: - Conceito de Patrimônio Cultural - Conceito de Patrimônio Cultural Imaterial - Conceito de Patrimônio Cultural Material

## VI. Desenvolvimento do tema:

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) patrimônio é o conjunto de bens materiais e/ou imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. É o legado que herdamos do passado, vivemos no presente e que transmitimos a gerações futuras.

Ainda, segundo o IPHAN, o patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade.

### Patrimônio Material

A Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) define que o patrimônio material é formado por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis – núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais – e móveis – coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

### Exemplos de Patrimônio Cultural Material:

A Torre Eiffel:



Figura 1: Torre Eiffel

Fonte: (<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>. Acesso em: 05 de abr 2020)

Inaugurada em 31 de Março de 1889, a Torre Eiffel foi construída para honrar o centenário da Revolução Francesa. Era para ser uma estrutura temporária, mas tomou-se a decisão de não desmontá-la. É uma torre treliça de ferro do século XIX que se tornou um ícone mundial da França e uma das estruturas mais reconhecidas no mundo.

(<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>.

Acesso em: 05 de abr 2020)

### Cristo Redentor



Figura 2: Cristo Redentor

Fonte: (<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>. Acesso em: 05 de abr 2020)

O Cristo Redentor é um monumento retratando Jesus Cristo, localizado no Alto da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Situa-se no topo do Morro do Corcovado. Um símbolo do cristianismo, o monumento tornou-se um dos ícones mais conhecidos internacionalmente do Brasil.

(<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>. Acesso em: 05 de abr 2020)

### Igreja São Francisco de Assis da Pampulha



Figura 3: Igreja São Francisco de Assis da Pampulha

Fonte: (<<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/atrativos/roteiros/marcos-da-modernidade/igreja-da-pampulha>> Acesso em: 05 de abr 2020)

A Igreja São Francisco de Assis da Pampulha, em Belo Horizonte, Minas Gerais, foi inaugurada em 1943. O projeto arquitetônico da igreja é de Oscar Niemeyer e cálculo estrutural de Joaquim Cardozo. Foi o último prédio a ser inaugurado do Conjunto Arquitetônico da Pampulha e é considerada a obra-prima do conjunto. As linhas curvas da igreja escandalizaram o acanhado ambiente cultural da cidade, de tal forma, que as autoridades eclesiásticas não proibiram por muitos anos o culto na Igreja.

(<<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/atrativos/roteiros/marcos-da-modernidade/igreja-da-pampulha>> Acesso em: 05 de abr 2020)

### Patrimônio Imaterial

De acordo com a UNESCO, os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, ao modo de ser das pessoas. Desta forma podem ser considerados bens imateriais: conhecimentos enraizados no cotidiano das comunidades; manifestações literárias, musicais,

plásticas, cênicas e lúdicas; rituais e festas que marcam a vivência coletiva da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; além de mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais.

Exemplos de Patrimônio Cultural imaterial:

O Frevo



Figura 4:

Fonte: (<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>. Acesso em: 05 de abr 2020)

O frevo é um ritmo musical e uma dança brasileira com origens no estado de Pernambuco, misturando marcha, maxixe e elementos da capoeira. Até as sombrinhas coloridas seriam uma estilização das utilizadas inicialmente como armas de defesa dos passistas que remetem diretamente a luta, resistência e camuflagem, herdada da capoeira e dos capoeiristas, que faziam uso de porretes ou cabos de velhos guarda-chuvas como arma contra grupos rivais.

(<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>. Acesso em: 05 de abr 2020)

O Carnaval



Fonte: (<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>. Acesso em: 05 de abr 2020)

Carnaval é uma festa que se originou na Grécia em meados dos anos 600 a 520 a.C.. Através dessa festa os gregos realizavam seus cultos em agradecimento aos deuses pela fertilidade do solo e pela produção. Passou a ser uma comemoração adotada pela Igreja Católica em 590 d.C..É um período de festas marcado pelo "adeus à carne" ou do latim "carne vale" dando origem ao termo "carnaval". Durante o período do carnaval havia uma grande concentração de festejos populares. Cada cidade brincava a seu modo, de acordo com seus costumes. O carnaval moderno, feito de desfiles e fantasias, é produto da sociedade vitoriana do século XIX.

(<<http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>>.

Acesso em: 05 de abr 2020)

### A Comunidade dos Arturos



Figura 6: Comunidade dos Arturos

Fonte: (<[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/28/interna\\_gerais.533736/com\\_unidade-dos-arturos-e-reconhecida-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-de-minas.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/28/interna_gerais.533736/com_unidade-dos-arturos-e-reconhecida-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-de-minas.shtml)> Acesso em: 05 de abr 2020)

A Comunidade dos Arturos, localizada em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte é uma Comunidade familiar de ascendência negra mantém rituais tradicionais. Três rituais da comunidade também foram considerados patrimônio cultural do estado, são eles, o Reinaldo/Congado, a Festa do Rosário e a Benzeção.

(<[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/28/interna\\_gerais.533736/com\\_unidade-dos-arturos-e-reconhecida-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-de-minas.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/28/interna_gerais.533736/com_unidade-dos-arturos-e-reconhecida-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-de-minas.shtml)> Acesso em: 05 de abr 2020)

#### VII – Metodologia:

Aula expositiva e dialogada com apresentação de slides elaborados a partir do exposto no desenvolvimento do tema.

#### VIII Recursos didáticos:

Data-show e computador

#### XIX Avaliação:

Para avaliação será considerado o envolvimento do aluno na participação do debate e a “tomada” de consciência em virtude da assimilação dos conceitos apresentados.

#### .X- Bibliografia:

Foram consultados os seguintes sites:

- <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em 05 de abr 2020.
- <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/atrativos/roteiros/marcos-da-modernida-de-igreja-da-pampulha>. Acesso em: 05 de abr 2020
- <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/> . Acesso em 05 de abr 2020.
- <http://pci-material.blogspot.com.br/2012/06/patrimonio-cultural-material-e.html>. Acesso em 05 de abr 2020.
- [http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/28/interna\\_gerais.533736/comunidade-dos-arturos-e-reconhecida-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-de-minas.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/28/interna_gerais.533736/comunidade-dos-arturos-e-reconhecida-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-de-minas.shtml). Acesso em: 05 de abr 2020.

ANEXO B – Plano de aula 02

I. Plano de Aula: 02 - Referente ao terceiro passo da proposta pedagógica.
II. Dados de Identificação: Escola Estadual José Heilbuth Gonçalves Professor (a): Sílvia Figueiredo da Silva Disciplina: História Série: 6º ano Turma: Período: quatro aulas
III. Tema: - Produção de vídeo
IV. Objetivos: Objetivo geral: - Orientar na produção de vídeo. Objetivos específicos: - Apresentar os passos necessários para a produção de vídeo. - Estabelecer plano de ação para a produção do vídeo.

- Padronizar os créditos

V. Conteúdo: Produção de vídeo

VI. Desenvolvimento do tema:

Um vídeo educativo pode viajar por gêneros variados – documentário, novela, telejornal, reportagem, teatro, etc. Pode relatar, discutir, contrapor, instigar, informar, interagir.

A realização do vídeo requer alguns cuidados desde o início da produção.

1º Definição de projeto: definir qual será o tema e a abordagem do que será filmado.

2º Roteiro: material que vai conter a sequência e a ordem do que será filmado, devendo prever todo o projeto do vídeo.

3º Seleção de equipamento e locais: definir qual será o equipamento para realizar a gravação (celular, filmadora, gravador, câmera fotográfica digital, microfones, iluminação) e planejar os locais de filmagem, cenários, objetos, roupas etc. 4º Filmagem: realização da filmagem, seguindo o que foi definido no roteiro, prestando-se atenção ao enquadramento, foco, iluminação, som etc. 5º Edição de áudio e vídeo: corte de cenas e montagem de sequências, inserção de trilha sonora, dublagens e locuções, além de título e créditos.

Créditos.

Realizado pelos alunos: (Colocar nome e sobrenome em ordem alfabética)  
da turma: (Colocar a turma)

Com a orientação da professora de História Sílvia Figueiredo

Escola Estadual José Heilbuth Gonçalves

Data: (colar data)

VII – Metodologia:

Aula expositiva e dialogada com apresentação no quadro negro de texto elaborado a partir do exposto no desenvolvimento do tema. Seguido leitura de texto extraído das páginas 8 e 9 da cartilha Tecnologias na Escola. Reunião dos grupos com a orientação da professora para definição do tema e elaboração do roteiro.

VIII Recursos didáticos:

Quadro negro, giz, textos reproduzidos em folhas A4, lápis, borracha e

caderno.

XIX Avaliação:

Para avaliação será considerado o envolvimento do aluno na apresentação de propostas para o tema e na elaboração do roteiro em virtude da assimilação dos conceitos apresentados.

.X- Bibliografia:

SEABRA, Carlos Tecnologias na escola. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010. Disponível em:

[https://www.institutoclaro.org.br/banco\\_arquivos/Cartilha.pdf](https://www.institutoclaro.org.br/banco_arquivos/Cartilha.pdf) Acesso em 05 de abr 2020

#### ANEXO C – Plano de aula 03

I. Plano de Aula: 03 - Referente ao oitavo passo da proposta pedagógica.

II. Dados de Identificação:

Escola Estadual José Heilbuth Gonçalves

Professor (a): Sílvia Figueiredo da Silva

Disciplina: História

Série: 6º ano

Turma:

Período: duas aulas

III. Tema:

- Uso responsável da internet

IV. Objetivos:

Objetivo geral:

- Orientar quanto ao uso responsável da internet.

Objetivos específicos:

- Apresentar o Tech Ativismo.

- Mostrar a importância de uma boa imagem na internet.

- Identificar formas seguras de pesquisar na internet.

- Apresentar o Cyberbullying

V. Conteúdo:

- Uso responsável da internet

VI. Desenvolvimento do tema:

A conectividade é o centro da vida social contemporânea e de uma cultura global marcada pelo acesso à internet, chats, wireless, cursos de ensino a distância, sites de compartilhamento, downloads, redes sociais, acervos digitais e mensagens instantâneas: é a World Wide Web, grande rede mundial, e sua cultura imediata e colaborativa. Muito rapidamente, a www mudou padrões de acesso à informação, de leitura e de pensamento. Hoje, os sujeitos e as narrativas são diferentes do que eram quinze anos atrás e mudam com velocidade constante. (GVT. **Cartilha GVT Inspira o uso responsável da internet**. 2014 Disponível em: <<http://internetresponsavel.com.br/jovens/guia/>>. Acesso em: 03 de set 2014).

1 - Tech Ativismo

Você é um agente transformador da sociedade! Aproveite as ferramentas que a Internet traz para contribuir para o desenvolvimento social.

A internet ajuda a mudar o mundo.

Desde pequenos gestos, como monitorar a qualidade dos serviços públicos no bairro ou o ensino na escola, até grandes conquistas, como aprovar a Lei da Ficha Limpa, tudo pode ganhar força com o apoio da internet. (GVT. **Cartilha GVT Inspira o uso responsável da internet**. 2014 Disponível em: <<http://internetresponsavel.com.br/jovens/guia/>>. Acesso em: 03 de abr 2020).

2 - Reputação

Grandes oportunidades passam pela Internet. Para isso, é importante que você construa uma boa imagem, especialmente nas redes sociais.

Percepção de terceiros

Não só pessoas mal intencionadas, mas também escolas, universidades ou possíveis empregadores tentam saber mais sobre um possível candidato

procurando pelo seu nome na internet.

Embora não seja difícil que várias pessoas tenham o mesmo nome, vale dar uma olhada para saber que tipo de informação, foto, texto, etc., estão vinculadas a seu nome e verificar o que está sendo dito a seu respeito.

Não forneça nenhuma senha para outras pessoas.

Ao usar computadores em locais públicos faça o logout (sair da conta) após entrar em um site em que tenha digitado a senha. Uma senha deve ser forte (faça o teste aqui) pois dá acesso a informações muito pessoais e não deve cair em mãos erradas. (GVT. **Cartilha GVT Inspira o uso responsável da internet**. 2014 Disponível em: <<http://internetresponsavel.com.br/jovens/guia/>>. Acesso em: 03 de abril 2020).

Cuidados importantes

Sexting

É a prática de divulgar fotos sensuais por meio da internet. É uma questão delicada e que exige muito cuidado! Antes de enviar uma foto que mostre seu corpo ou tenha qualquer fundo sexual, você deve saber que registrar essa imagem e enviá-la de qualquer forma (seja impressa, por celular ou pela internet) significa deixá-la para sempre em poder de outra pessoa e ainda correr o risco da foto cair na rede e ser vista por muita gente.

Grupos com conteúdo inadequado

Preconceituoso e violento podem estar nas redes sociais. Muitas páginas parecem inocentes e possuem nomes em tom de brincadeira “Eu odeio a escola”, “Detesto segunda-feira”, mas não fazem parte de um bom currículo ou uma imagem profissional. Lembre que toda navegação deixa rastro e você deve ter orgulho hoje e no futuro das páginas a que se associa. Um futuro empregador pode querer saber mais de você olhando seu perfil social.

Ainda que não seja algo tão fácil de perceber, tudo que você faz online deixa marcas. Todos os sites que você visita, os comentários feitos, as fotos

publicadas. Não há muito como evitar que os atos fiquem registrados na rede. O importante é ter a consciência que as ações não passam despercebidas. Na internet, não há segredos e a memória é muito longa!

As redes sociais, por exemplo, coletam informações automaticamente sempre que um usuário acessa sua conta. Ainda não está claro como essas informações são usadas, portanto é preciso ter cuidado. (GVT. **Cartilha GVT Inspira o uso responsável da internet**. 2014. Disponível em: <<http://internetresponsavel.com.br/jovens/guia/>>. Acesso em: 03 de abr 2020).

### 3 - Pesquisando com segurança

Como encontrar informações certas e de qualidade na rede.

Informação demais!

No mundo conectado de hoje, ficou muito mais fácil para qualquer pessoa publicar o que quiser na rede e a possibilidade de trocar conhecimento aumentou muito. Por isso, a internet é uma das ferramentas mais utilizadas para pesquisas escolares e outros trabalhos que envolvam a colaboração.

É possível encontrar praticamente qualquer coisa sobre qualquer assunto. Mas como é enorme a quantidade de informações disponíveis, é preciso ter cuidado ao fazer buscas. Nem sempre achamos o que estamos procurando! Muitas vezes palavras banais podem trazer como resultado um conteúdo impróprio para sua idade. Toda atenção deve ser dada a esse item, já que ver uma imagem chocante pode ser algo incômodo e muito difícil de ser esquecido. Configurações de pesquisa segura estão disponíveis nos sites de busca e podem adequar os resultados à idade do usuário. (GVT. **Cartilha GVT Inspira o uso responsável da internet**. 2014. Disponível em: <<http://internetresponsavel.com.br/jovens/guia/>>. Acesso em: 03 de abr 2020).

### 4 – Cyberbullying

Brincadeira ou violência? Cyberbullying é violência e difamação. Saiba diferenciar as “brincadeiras” de violências que ofendem a dignidade. Apesar de todos os benefícios que a Internet pode oferecer, algumas vezes a zoeira pode

passar dos limites da brincadeira e prejudicar muito aqueles que são alvo da piada. É bom saber que o termo bullying/ciberbullying vale para casos envolvendo crianças e/ou adolescentes. São as conhecidas práticas de zoeira, ofensas, intimidações e humilhações repetidas direcionadas a uma pessoa na escola, no prédio, no bairro ou nas redes sociais. (GVT. **Cartilha GVT Inspira o uso responsável da internet.** 2014. Disponível em: <<http://internetresponsavel.com.br/jovens/guia/>>. Acesso em: 03 de abr 2020)

VII – Metodologia:

Divisão da turma em grupos para a leitura dos 4 itens apresentados no desenvolvimento do tema, disponível na Cartilha GVT Inspira o uso responsável da internet 5.0. Cada grupo apresentará um item em forma de cartaz para o restante da turma.

VIII Recursos didáticos:

Quadro negro, giz, textos reproduzidos em folhas A4, lápis, borracha, caderno.

XIX Avaliação:

Para avaliação será considerado o envolvimento do aluno nas discussões em grupo e na apresentação do cartaz. Além do grupo ser avaliado pela qualidade estética e informativa do cartaz.

.X- Bibliografia:

Foram consultados os seguintes sites:

<http://internetresponsavel.com.br/jovens/guia/>. Acesso em: 03 de abr 2020  
<http://www.abcid.org.br/guia-para-uso-responsavel-da-internet> Acesso em: 03 de abr 2020.